



ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO LEITORA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA - PRALEE

Antônia Maíra Emelly Cabral da Silva Vieira¹
Isabel Cristina Gondim Rocha²
Jackeline Alves Costa³
Maria Priscila Borges Carvalho da Cunha⁴
Sara Raissa Rodrigues de Lima⁵

RESUMO

O artigo visa apresentar um relato de experiência de ações de alfabetização e formação leitora desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita na Escola (PraLEE). O estudo é de natureza qualitativa, do tipo descritivo e bibliográfico. As atividades foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2023, com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Os resultados das ações empreendidas permitiram compreender as potencialidades do texto literário e das atividades lúdicas. O momento de contação de história, com interação entre o texto literário e o potencial estético e criativo, possibilitaram o encontro entre o leitor e o texto, enquanto os jogos de alfabetização ampliaram o repertório linguístico e estimularam o desenvolvimento da consciência fonológica. Assim, reconhece-se as contribuições da extensão à educação, aproximando a escola e a comunidade da Universidade de forma colaborativa e interventiva. Tal iniciativa auxilia na formação profissional dos licenciandos que participam do projeto e se defrontam com a realidade do processo de aprendizagem da leitura e escrita de crianças.

1 Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

antoniamaira@uern.br

2 Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. isabelrocha@alu.uern.br

3 Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte jackelinealves@alu.uern.br

4 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

maria20231000738@alu.uern.br

5 Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. sararaisa@alu.uern.br





PALAVRAS-CHAVE: Relato de experiência; Alfabetização; Letramento; Formação leitora; Aprendizagem.

LITERACY AND READING DEVELOPMENT: AN EXPERIENCE REPORT OF THE PROJECT "PRACTICES OF READING AND WRITING IN SCHOOL" (PRALEE)

ABSTRACT

The article aims to present an experience report of literacy and reading development activities carried out within the scope of the Extension Project "Practices of Reading and Writing in School" (PraLEE). The study is of a qualitative nature, descriptive and bibliographic in type. The activities were conducted with elementary school students in a public school in Mossoró, Rio Grande do Norte, during August and September in 2023. The results allowed us to understand the potential of literary texts and playful activities. The storytelling moments, in conjunction with literary texts, and the aesthetic and creative potential facilitated the interaction between the reader and the text, while literacy games expanded linguistic repertoire and stimulated phonological awareness development. Thus, the contributions of extension to education are acknowledged, bringing the school and the community closer to the University in a collaborative and interventionist manner. This initiative aids in the professional development of education students who participate in the project and engage with the reality of children reading and writing learning process.

KEYWORDS: Experience report; Literacy; Literacy practices; Reading development; Learning.

1 INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização de uma criança está para além de aprender a ler e escrever, necessita da autonomia do indivíduo para atribuir sentido ao que escreve, partindo da aquisição de habilidades linguísticas, cognitivas e sociais. Conforme Colello (2012, p. 81), "[...] a aquisição da língua escrita contribui, pois, para a emancipação das formas de pensamento, uma vez que possa subsidiar novas possibilidades de reflexões, conhecimentos e experiências alternativas". Sendo assim, a alfabetização ultrapassa o reconhecimento das letras e dos sons ou as convencionalidades da escrita, tornando-se primordial para formação cidadã e emancipatória.

Considerando a importância desse processo, este artigo traz o relato das ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Práticas de Leitura e Escrita na Escola (PraLEE), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN), que se propõe a contribuir





com o processo de alfabetização e letramento de crianças do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental e com a capacitação de professores alfabetizadores de escolas da rede pública de ensino de Mossoró, no Rio Grande do Norte (RN). O projeto oferece atividades de incentivo à leitura e à escrita, visando ampliação do repertório literário, contato com o texto escrito e aquisição e desenvolvimento de habilidades linguísticas, motoras e cognitivas essenciais à alfabetização e ao letramento.

Fez-se um recorte das ações realizadas em uma escola da rede pública da cidade de Mossoró, a partir do Projeto de intervenção “Era uma vez... O Encantado Mundo das Palavras”, que ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2023. O objetivo é expor as experiências de alfabetização e formação leitora desenvolvidas na escola mencionada.

O percurso metodológico para a elaboração do artigo fundamentou-se na abordagem qualitativa, que propõe a realização de um relato de experiência das atividades desenvolvidas pelo PraLEE. Conforme afirma Gil (2002), essa abordagem visa trazer maior familiaridade com a problemática, tendo em vista torná-la mais explícita, sendo seu objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

Partindo desse ponto de vista, o artigo é de natureza descritiva e bibliográfica, concebido a partir da descrição das características das atividades realizadas pelo PraLEE, com base em material já existente. Para tanto, utilizou-se principalmente os estudos de Soares (2009, 2020), Amarilha (1997, 2013), Vieira e Silva (2023), Severino (2013), Saraiva (2007), Kishimoto (2017) e Gil (2002), por estes oferecerem respaldo teórico-metodológico pertinente.

O artigo está estruturado em quatro seções: a primeira abarca as considerações iniciais, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa; na seção seguinte é discutida a formação leitora e alfabetizadora nas séries Iniciais do Ensino Fundamental. Na terceira seção é apresentado o relato de experiência dos extensionistas do projeto e, por fim, tem-se as considerações finais.

2 EXTENSÃO E FORMAÇÃO LEITORA/ALFABETIZADORA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A universidade tem um compromisso com a educação enquanto lugar de produção de conhecimento, formação, instrução e tomada de consciência social e política. Conforme Severino (2013, p. 21), a “Universidade, em seu sentido mais profundo, deve ser entendida como uma entidade que, funcionária do conhecimento, destina-se a prestar serviço à sociedade no contexto da qual ela se encontra situada”. Para honrar esse compromisso, a universidade desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão. Embora a pesquisa seja a gênese da produção de conhecimento, orientando o processo de ensino, ela precisa ser relevante, resultando em contribuições à





comunidade, que se concretizam por meio das atividades de extensão.

Atualmente, a educação enfrenta inúmeros desafios, sobretudo no processo de alfabetização e letramento. Destacam-se lacunas na aprendizagem das crianças, provocadas pelo período de distanciamento e pelo desenvolvimento de atividades de forma emergencialmente remota; e desigualdades sociais alargadas durante a pandemia da Covid-19 (Vieira; Silva, 2023). Sendo assim, emerge a necessidade de ações de formação leitora e alfabetizadora que somem esforços diante do cenário evidenciado.

A extensão tem sua relevância reafirmada na formação universitária em decorrência dos compromissos assumidos, diante do conhecimento e da educação, com a sociedade, seus interesses e suas necessidades, legitimando as ações empreendidas. Admite-se que “é graças à extensão que o pedagógico ganha sua dimensão política” (Severino, 2013, p. 28), com tomada de consciência e conduta.

As ações extensionistas corroboram com a comunidade, transpondo os muros da universidade, favorecendo significativamente os processos de formação por meio de atividades concretas que fortalecem as relações entre universidade e escola, resultando em contribuições para os processos formativos que se desenvolvem em ambos os espaços. Além disso, busca-se auxiliar na preparação de licenciandos, promovendo o encontro com a prática, reflexão e análise da realidade.

Segundo Saraiva (2007), a extensão permite aos bolsistas vivenciarem experiências importantes e refletirem sobre as principais questões da atualidade, além de desenvolver uma formação voltada às necessidades da região, a partir da experiência e do conhecimento gerados e acumulados.

Cabe ainda à extensão promover momentos formativos para os membros dos projetos, uma vez que, para propor ações com a comunidade, é fundamental o embasamento teórico, para, então, traçar estratégias a fim de atingir tal finalidade. Sobretudo, diante do contexto apresentado anteriormente, torna-se cada vez mais necessário o fortalecimento desses trabalhos voltados ao processo de alfabetização, letramento e formação leitora.

Oportunizar essa conjuntura implica estudo, planejamento e ações, para que o texto literário seja apresentado ao público de forma atrativa, prazerosa e humanizadora. Em consonância com o posicionamento, Amarilha defende que:

[...] é preciso que a formação literária sofisticada seja favorecida aos primeiros professores de nossas crianças, aos graduandos em Pedagogia, porque é deles a tarefa de mediar o rito iniciático ao mundo da palavra, do simbólico, das metáforas por que passam nossos aprendizes (Amarilha, 2013, p. 132).

Sendo assim, considera-se importante efetivar ações por meio de projetos que valorizem o incentivo à leitura e à escrita, bem como o interesse





pela leitura literária, o desenvolvimento da imaginação, a experiência estética e a ampliação do repertório literário. Tais iniciativas fortalecem a formação leitora e contribuem para a alfabetização e o letramento de crianças da comunidade onde a universidade encontra-se inserida. Compreende-se aqui os conceitos de alfabetização e letramento a partir de Soares (2020), que destaca como sendo dois processos distintos que, no entanto, devem ocorrer de forma simultânea.

Autores como Cosson (2021) e Cadermatori (2010) concordam com a inegável relação que se estabeleceu entre a literatura infantil e a educação, no entanto, chamam atenção para o mediador/formador de leitor, com o papel de alterar as práticas de uso do texto literário, distanciando-se de uma perspectiva utilitarista em que a literatura está atrelada ao conteúdo ou à necessidade de ficha avaliativa. Então, torna-se urgente irromper tais práticas reducionistas pelas quais a literatura infantil é mero acessório para tratar de determinado tema.

O desenvolvimento de ações voltadas à formação leitora, do despertar nas crianças “o prazer como elemento fundamental na relação do leitor com o texto” (Amarilha, 1997, p. 45), promove experiências simbólicas, sociais e educativas. Compreende-se que “escutar história não é, portanto, uma atividade de fuga do trabalho árduo, mas é sim a satisfação de experimentar-se como ser pensante” (Amarilha, 2013, p. 41). É no contato com o livro que a criança desenvolve determinadas compreensões que antecedem a aquisição da leitura, referentes às convenções do texto, “como linearidade, direção da esquerda para a direita, de cima para baixo, já diferencia e relaciona escrita e ilustração, já tem oportunidades de ampliar seu vocabulário” (Soares, 2020, p. 204).

Quando colocamos a narrativa na escola através do contador-leitor de histórias, mudamos a história da escola. Mudamos a relação da criança com a cultura escolar porque a fazemos experimentar textos significativos do ponto de vista psicológico, social, linguístico, afetivo, pressupondo que todo professor seleciona, adequadamente, os textos que lê para seus alunos. Assim, o desenvolvimento da criança não fica exposto ou dependente de sua maturação interna para acontecer, pelo contrário, a história da escolarização da criança em convívio com a literatura promove, antecipa e consolida seu crescimento. Principalmente, no aprendizado da oralidade significativa e na potencialização do ouvido como instrumento pensante (Amarilha, 2023, p.37).

Ao proporcionar experiências dessa natureza, escola e universidade, por meio da extensão, colaboram para o aprimoramento e desenvolvimento de práticas de letramento no ciclo de alfabetização, uma vez que, “a linguagem da literatura promove também a organização da fala interna que alimenta o pensamento fornecendo procedimentos para sua configuração em expressão verbal” (Amarilha 2013, p. 38) e, posteriormente, a escrita, de





forma sistematizada, coerente e argumentativa.

O alfabetizar e letrar ou “alfalettrar” — terminologia inaugurada por Magda Soares (2020) em sua obra *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e escrever* — consiste em desenvolver práticas de alfabetizar letrando, que compreendem a mediação de momentos de interação da criança com o mundo letrado, propiciando o contato com o texto escrito, o adulto que escreve e que lê, as leituras em voz alta, a apreciação do livro e as ilustrações que também comunicam. É nessa perspectiva que o projeto de extensão PraLEE promove ações objetivando a formação leitora e alfabetizadora nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, conforme detalhado na seção seguinte deste artigo.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante o processo de alfabetização, faz-se necessária a compreensão de que não basta alfabetizar, é preciso letrar, considerando que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (Soares, 2009, p. 23). Ou seja, o sujeito alfabetizado sabe ler e escrever, enquanto o sujeito letrado vai além dessas competências, praticando socialmente a leitura e a escrita em suas demandas cotidianas.

Refletindo acerca disso, no decorrer da terceira edição (segundo semestre de 2022 e primeiro de 2023) do projeto PraLEE, foram desenvolvidas atividades com vistas ao fomento à leitura e à escrita em escolas da rede pública da cidade de Mossoró/RN. A partir do projeto de intervenção denominado “Era uma vez... O encantado mundo das palavras”, buscou-se contribuir com o processo de alfabetização e letramento das crianças, utilizando a literatura e de atividades pedagógicas intencionais para desenvolvimento da alfabetização, pensadas a partir de um estudo da realidade. Para isso, os membros do projeto participaram ativamente de todas as etapas da proposta, contemplando o planejamento e a execução das atividades — sobretudo antes da operacionalização do projeto, quando foram realizados estudos teóricos.

A experiência vivenciada pelos membros do projeto aconteceu em uma escola da rede estadual de ensino, situada na zona urbana da cidade de Mossoró (RN). Na escola a ação ocorreu em dois momentos, que se sucederam em datas diferentes. O primeiro foi de contação de história com todas as turmas do turno vespertino, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental — Anos Iniciais. O segundo momento, com circuito de alfabetização, com uma turma do 4º ano do turno vespertino. Cabe destacar que antes da execução do projeto na escola, realizou-se o planejamento e a elaboração dos recursos pelos membros que participaram da ação.

Inicialmente, o planejamento foi concebido por meio de reuniões, que





aconteceram tanto presencialmente, na Universidade, quanto remotamente, por chamadas na plataforma Google Meet (Figuras 1 e 2). Nessas ocasiões, compartilharam-se ideias, vivências e experiências que eram construídas coletivamente, dando sentido e significado à ação que estava sendo idealizada. Nesses encontros, definiu-se qual história e quais atividades melhores se adequavam ao momento e à realidade do público-alvo em questão. Na oportunidade, foram divididas atribuições e definidas tarefas que deveriam ser cumpridas até a finalização da proposta.

Figura 1 – Reunião de planejamento

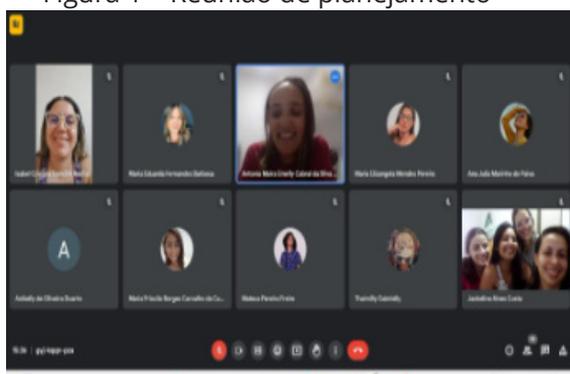


Figura 2 – Ensaio e distribuição de tarefas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O segundo momento foi voltado à confecção dos recursos didáticos a serem utilizados na escola, tanto para contação de história como para o circuito de alfabetização, que se tratava de um conjunto de atividades, jogos e brincadeiras pensados a partir da necessidade e da realidade daquele ambiente.

A contação de história ocorreu no dia 10 de agosto de 2023 (Figuras 3 e 4), no turno vespertino, e foi dividido em três momentos: a) primeiramente fez-se uma apresentação do projeto e de seus participantes, em forma de diálogo e interação com as crianças; b) em seguida, ocorreu a contação da história O caso da lagarta que tomou chá de sumiço, do autor Milton Célio de Oliveira Filho. A história foi contada em forma de encenação teatral pelos bolsistas, sendo que cada participante envolvido na ação interpretava um personagem (animal) da história narrada, interagindo com as crianças e provocando inferências acerca da continuidade da narrativa; e c) uma conversa com as crianças a respeito das informações marginais da história — a fim de explorar o livro, autor e ilustrador —, assim como um momento de sondagem com os alunos quanto às suas antecipações sobre o texto.

Concorda-se que o contato com o texto literário favorece a construção de significados, conexões com o livro e possibilita que as crianças se sintam donas da leitura e capazes de falar sobre o texto (Colomer, 2007). Logo, essa iniciativa torna-se potencial para a alfabetização, formação leitora e corrobora-





ra com os objetivos do projeto de contribuir com o processo de alfabetização, letramento e formação leitora de crianças, bem como promover atividades de incentivo à leitura e a escrita; além de fomentar o desenvolvimento de habilidades linguísticas, metalinguísticas, cognitivas e motoras.

O segundo momento ocorreu no dia 6 de setembro de 2023, no turno vespertino, contemplando um circuito de alfabetização, com atividades que estimulavam a alfabetização, o letramento e a formação leitora. Participaram 23 alunos, divididos da seguinte forma: três grupos com 6 participantes e um grupo com 5. Todos os grupos passaram por todos os jogos intercaladamente e cada grupo brincava 30 minutos e dirigia-se para o jogo seguinte. No quadro 1, apresentam-se os jogos utilizados.

Com a realização do circuito, inicialmente observou-se que algumas crianças, mesmo cursando o 4º ano, ainda não sabiam ler e escrever, apresentando, assim, algumas dificuldades em desempenhar as tarefas do jogo Detetive das Sílabas, por exemplo. No entanto, notamos que grande parte da turma conseguia formar palavras com autonomia, exceto para aquelas palavras formadas por sílabas complexas, como “lagarta”, a qual escreviam sem a letra “R”.

Quadro 1 – Jogos trabalhados no circuito de alfabetização

JOGOS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
Detetive das Sílabas	Estimular a consciência fonológica e silábica, além de desenvolver sua percepção visual e espacial.	Para brincar, o grupo recebeu cartelas com sílabas, imagens que foram colocadas dentro de uma lata, sendo retirada uma por vez. A cada imagem sorteada, as crianças iam identificando nas cartelas as sílabas que correspondiam à imagem; em seguida, registravam a palavra correspondente.
Fábrica de Palavras	Estimular a criatividade e o processo de formação de palavras.	Neste jogo, uma criança por vez escolhia uma carta e respondia o desafio proposto. Foram disponibilizadas folhas de papel para as crianças responderem o que se pedia.
Tapete das Sílabas	Fomentar a autonomia e o processo de escrita das crianças.	No jogo do Tapete das Sílabas, cada criança pulava nas sílabas distribuídas pelo tapete, formando palavras. A criança falava as sílabas correspondentes e, em seguida, escrevia a palavra que formou em folhas coladas na parede em frente ao tapete.
Jogo da Velha com Rimas	Desenvolver a consciência fonológica, o conhecimento de rimas, a concentração e a memória das crianças.	O jogo segue as regras do Jogo da Velha. Dividimos as crianças em dois grupos, que jogavam alternadamente. Cada grupo preenchia os espaços vazios para formar a linha de palavras com rimas iguais; por exemplo: tucano, piano, vaticano. Para aumentar o grau de dificuldade, as palavras

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.





No jogo Fábrica de Palavras, que consiste na escrita de termos a partir das cartas retiradas, foi perceptível que a maioria apresentava autonomia na escrita, poucos não sabiam escrever as sugestões, logo, conseguiram reconhecer as palavras de acordo com os desafios que iam sendo indicados pelas cartas.

No Jogo da Velha com Rimas, no tocante à identificação de rimas entre as palavras, esses obstáculos foram superados com a intervenção dos colegas e das bolsistas, que buscavam a todo momento inserir as crianças na atividade, ajudando-as a ler as palavras apontadas. No mais, notou-se que as crianças que sabiam ler e escrever, no geral, distinguiram as palavras que rimavam com certa facilidade, inclusive dando sugestões de outras palavras que não estavam nas cartas do jogo, mostrando um pouco de dificuldade apenas nas palavras cujas sílabas finais continham “nh” e “lh”.

Na atividade Tapete das Sílabas também apareceram algumas complicações quanto à formação de palavras. Muito embora eles conhecessem as sílabas e as pronúncias, na escrita autônoma, utilizando as mesmas sílabas, alguns demonstraram dificuldade.

Posto isso, destaca-se que as atividades do projeto desenvolvidas com as crianças incentivaram alguns conflitos favoráveis à aprendizagem, colocando os alunos para pensar sobre o sistema de escrita alfabético, bem como suas convencionalidades (Figuras 5, 6, 7 e 8). Ademais, frisa-se a importância desses momentos na formação das participantes projeto como professoras e licenciandas, uma vez que oportunizam vivenciar, desde a graduação, a prática docente e seus desafios, bem como o contato com diversas realidades de aprendizagem.

Figura 5 – Detetive das Sílabas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 6 – Fábrica de Palavras



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.





Figura 7 – Tapete das Sílabas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 8 – Jogo da Velha das Rimas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Para finalizar a ação, houve um momento com produção de texto coletivo. Nessa atividade as crianças foram convidadas a participar da produção de texto com base no livro infantil *O caso da lagarta que tomou chá-de-su-miço*, escrito por Milton Célio de Oliveira Filho, apresentado anteriormente para a turma por contação de histórias, e, nesta etapa, como uma releitura.

Durante o processo de produção de texto, o mediador registrou no quadro as ideias das crianças, que surgiram mediante objetos revelados no baú secreto. Ao iniciar a criação textual, não interferia-se no tema da história a ser escrita; apenas retirava-se o objeto e as crianças criavam seu próprio enredo, favorecendo, assim, a verificação dos conhecimentos prévios e o desenvolvimento da autonomia em sala de aula. Com isso, foi iniciada a produção textual a partir da história já contada, escrevendo uma nova narrativa. Ao final, o texto já produzido e escrito em cartolina pelas crianças, foi assinado por elas.

Essa proposta não foi diferente das demais, teve expressiva participação das crianças. A cada objeto retirado do baú, a curiosidade era aguçada e cada criança dava sua versão. As crianças demonstraram muita criatividade e excelente capacidade argumentativa e de intertextualidade, com ideias bem formuladas entre os fatos narrados, fazendo inferências e antecipações do texto.





Figura 9 – Texto coletivo



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Com base na experiência vivenciada, comprova-se que saber ler e escrever é muito mais que saber codificar e decodificar símbolos, é conseguir usar com autonomia a língua, é reconhecer a sua funcionalidade na produção de textos. Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas na ação contribuíram para que as crianças compreendessem que as palavras são compostas de unidades sonoras, ampliassem as percepções visual e espacial e trabalhassem a escrita, aprimorando, assim, a consciência fonológica e silábica.

[...] ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade” (Soares, 2009, p. 39).

Ademais, percebe-se que o uso de jogos potencializa o processo de alfabetização e letramento, uma vez que

Ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa (Kishimoto, 2017, p. 36).

Desse modo, compreende-se que o jogo facilita a interação com o tex-





to e valoriza a afetividade e o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Por conseguinte, contribui significativamente no processo de construção do conhecimento das crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária é uma iniciativa acadêmica que proporciona troca de conhecimento entre discentes e sociedade, além de desempenhar papel extremamente importante na construção, expressão e participação de ideias. Alguns autores, como Severino (2013) e Saraiva (2007), definem a extensão como ferramenta imprescindível para que as instituições de ensino sejam inseridas na sociedade, tornando-se via de mão dupla, porque possibilita a troca de saberes acadêmicos e que os alunos desenvolvam seu potencial, além de agregarem conhecimento e valor às suas carreiras.

Este trabalho demonstra a importância da extensão para os licenciandos, alunos, professores e comunidade e, como isso, contribui para o desenvolvimento profissional dos participantes. Com base no que foi relatado, pode-se afirmar que as atividades de extensão são indispensáveis no meio acadêmico, atuando como estímulo à pesquisa, pela qual os licenciandos efetivam seu potencial de pesquisador e, conseqüentemente, aprimoram seus conhecimentos. Ademais, favorece o processo de ensino e aprendizagem, dado que potencializa a postura protagonista dos alunos, a partir de práticas que os colocam como sujeitos ativos desse processo; e, ainda, aproxima a universidade da escola. Ações como essa visam impulsionar a educação pública e de qualidade, além de incentivar, promover e fortalecer o processo de alfabetização, letramento e formação leitora de crianças da rede pública de ensino de Mossoró.

Assim, a experiência agrega aos licenciandos, de forma proficiente, experiências e vivências no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, uma vez que, ao levar a universidade à escola, colocando-os como protagonistas da ação, lhes propicia conhecer a dinâmica da sala de aula, além de lhes inserir no papel de pesquisadores, dado que oportunizam, posteriormente, a reflexão acerca da prática e a realização de estudo, aprofundamento e produção de trabalhos sobre as vivências no projeto.

Os objetivos do projeto foram contemplados tendo em vista a receptividade da proposta por parte da escola e das crianças. Todos os participantes demonstraram muito empenho e bastante dedicação na realização das atividades, tendo as suas dificuldades amenizadas pelo trabalho coletivo entre mediadores e participantes. Contudo, enfatiza-se que o aprimoramento da proposta a partir das experiências já compartilhadas é uma prática sempre exercitada em estudos, reuniões de planejamento e na avaliação das ações desenvolvidas pelos participantes do projeto.




REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Petrópolis: Vozes; Natal: EDUFRN, 1997.

AMARILHA, Marly. A formação do jovem leitor de literatura e o contexto contemporâneo. In: AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola.** 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil.** 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2017.

SARAIVA, José Leite. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. **Brasília Médica**, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.1,0 MB; e-PUB.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

VIEIRA, Antonia Maíra Emelly Cabral da Silva; SILVA, Blenda Priscila Alencar da. **Formação continuada de professores alfabetizadores: resultados de uma experiência extensionista.** In: BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado;





MARQUES, Edite Colares Oliveira; FRANCO, Roberto Kennedy Gomes (org.). **Cultura escolar em tempos de pandemia**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. p. 839-853. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/e-book-cultura-escolar-em-tempos-de-pandemia> Acesso em: 07 set. 2023.

